

Propaganda, grafite e as representações de uma cidade negra

Finn, John

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Finn, J. (2010). Propaganda, grafite e as representações de uma cidade negra. *ETD - Educação Temática Digital*, 11(2), 75-101. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-119243>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see: <http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Propaganda, grafite
e as representações de
uma cidade negra

John Finn

RESUMO

Na imaginação geográfica dos Estados Unidos, o Brasil é um País de futebol, samba e biquínis. Representações do Brasil entram nos EUA através dos filtros culturais de Pelé e a Garota de Ipanema. Mas nesta visão se perde a história intricada e complexa da raça no Brasil, especialmente na cidade do Salvador da Bahia. Mas, chegando de fora e vendo as representações raciais pela propaganda popular, nunca se imaginaria que mais de 80% dos soteropolitanos é de descendência africana. Neste artigo, contextualizarei primeiramente Salvador em termos raciais no Brasil. Então, após examinar as atuais teorias das raças e das suas representações, desconstruirei algumas das representações raciais mais chocantes e contraditórias, do ponto de vista de uma pessoa relativamente nova na Bahia. Concluirei com as observações do grafite como uma maneira popular de contestar as representações brancas dominantes numa cidade negra, através da qual as representações raciais são democratizadas nas superfícies verticais da capital baiana.

PALAVRAS-CHAVE

Propaganda; Grafite; Representação; Cidade Negra; Raça

Advertising, graffiti and
representations of a black city

ABSTRACT

In the geographical imagination of the United States, Brazil is a country of soccer, samba, and bikinis. Representations of Brazil enter the United States through the cultural filters of Pelé and the Girl from Ipanema. This view misses, however, the intricacies of Brazil's troubled racial history, especially in the northeast city of Salvador, Bahia. Attempting to understand Salvador's racial make-up in terms of popular visual media in the urban landscape, an outsider might never guess that more than 80% of the city's population is of African descent. In this paper I will first contextualize Salvador in terms of race in Brazil. After briefly interrogating current thought in race and representation, I will then deconstruct some of the most shocking and contradictory representations of race in this Afro-Brazilian urban context. I conclude by wondering if much of the city's graffiti isn't an informal, grassroots medium through which representations of race are democratized on the vertical surfaces of Bahia's capital.

KEYWORDS

Advertises; Graffiti; Representation; Black city; Race

SALVADOR DA BAHIA, BRASIL

Em seu ensaio *Carmen Miranda Dada*, Caetano Veloso escreveu que o Brasil é, em termos gerais, um País que “não figura nos noticiários dos grandes jornais do Primeiro Mundo, a menos que uma catástrofe se abata sobre seu povo ou o ridículo sobre seus governantes...” (VELOSO, 2005, p.75).

Pode ser.

Mas este ponto de vista tende a negar a importante influência cultural que o Brasil sempre teve, e ainda tem, nos Estados Unidos – desde a música de Tom Jobim que, no ano de 1959, entrou no mercado norte-americano através do filme *Orfeu Negro*, levando ao destaque da bossa nova no mundo musical do País, ao domínio dos futebolistas brasileiros no mundo dos esportes, até a atual união da super-modelo brasileira Gisele Bündchen com o campeão mundial de futebol americano, Tom Brady. Mas, não obstante a importância cultural do Brasil nos Estados Unidos, nós (os americanos) temos insistido, por mais de 50 anos, a olhar o Brasil através das lentes culturais de Carmen Miranda, Pelé, e a Garota de Ipanema.

O mito da democracia racial, em que as três raças brasileiras – portuguesas, africanas e indígenas – “se conhecem e se misturam no calor da floresta tropical” (REILY, 2000, p.4), criando assim o mestiço, superior como resultado da sua capacidade de sobreviver nos trópicos, ainda domina a percepção norte-americana da situação racial no Brasil – pelo pouco em que pensamos em termos de raças no Brasil (por exemplo, relata-se que o ex-presidente Bush, durante sua primeira visita oficial ao Brasil, perguntou, surpreso, ao ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso: “Aqui também tem negros?”). A então Secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, que o acompanhava, teve que lembrar ao seu presidente que o Brasil, na realidade, tinha muitos mais afro descendentes que os Estados Unidos. Mas, bom, estou divagando).

A história das raças no Brasil é algo mais complexo. Depois de quase 400 anos de tráfico de escravos, no final do século XIX a elite brasileira voltou-se para o determinismo ambiental, para explicar o “desenvolvimento atrofiado do País” em comparação com seus correlativos europeus (REILY, 2000, p.2). Considerou-se “cientificamente provado que as capacidades intelectuais dos índios e dos africanos eram significativamente inferiores aos dos brancos europeus, [pois] as condições ‘vaporosas’ do hemisfério sul eram supostamente favoráveis à indolência” (REILY, 1997, p.79). Em busca da “‘redenção’ étnica” (SKIDMORE, 1990, p.7), o Brasil voltou-se para uma política de branqueamento racial, acreditando, em última análise, que o “problema” da raça no Brasil iria, literalmente, desvanecer (SKIDMORE, 1990). Como muitos outros, Sílvio Romero, destacado crítico literário brasileiro da época, previu que, “por causa da sua superioridade evolutiva, a raça branca seria vitoriosa na ‘luta entre as raças’... Ele estimou que o branqueamento total da população brasileira se daria em três a quatro séculos” (VENTURA, 1991, p.51). Ironicamente, esta atitude racial levou à utilização do capital acumulado através do escravagismo, abolido no Brasil apenas em 1888, para financiar uma campanha destinada a atrair imigrantes europeus ao Brasil, na tentativa de acelerar o branqueamento da sociedade brasileira (NEEDELL 1995; PITANGA, 1999).

Depois da Primeira Guerra Mundial, a era do branqueamento racial foi efetivamente encerrada pela pseudociência da democracia racial e pelo mito romantizado de uma “etnia brasileira tri-racial.” Esta nova abordagem da questão racial e étnica, não menos racista que o determinismo ambiental que ela substituiu, via a miscigenação como o cerne da democracia natural do Brasil, em que brancos, negros e mestiços trabalhavam juntos para alcançar objetivos comuns. Para Gilberto Freyre, sociólogo e antropólogo cultural da época, a miscigenação não resultava em subdesenvolvimento. Ao contrário, ele pensava que a mistura racial devia ser cuidadosamente cultivada, pois nela era contida a promessa do caráter distintivo do Brasil com relação às outras nações, tanto da América Latina quanto da Europa (FREYE, 1966 [1933]; VIANNA, 1999).

A cidade nordestina de Salvador, entretanto, fica no vórtice entre a integração e a marginalidade com relação ao núcleo político e econômico brasileiro (MOURA, 2002). Como primeira capital do Brasil, Salvador ficou sendo o centro do tráfico de escravos. Hoje, com mais de 80% da população soteropolitana de descendência africana, se diz que a cidade é a maior capital negra do mundo fora da África. Esta realidade racial levou o antropólogo e poeta baiano Antonio Risério a dizer que, na verdade,

a Bahia sempre foi afro. Salvador é uma cidade negra. O simples fato de negros e mestiços somarem a quase totalidade da população da cidade já impregna e imanta o ambiente. A presença cultural e humana da África, por aqui, é de tal grandeza que Salvador já foi chamada de 'Roma Negra' e de 'Nova Guiné' (p.20).

Neste contexto, o mito da democracia racial, enquanto parece celebrar a diversidade, "tem sido uma maneira conveniente de negar assuntos raciais e evitar enfrentar a incapacidade do País de lidar com o fato que séculos de escravidão têm deixado os afro-brasileiros sem a capacidade de competir, de maneira igualitária, no trabalho e no status social" (PAGE, 1995, p.72). Mas, até hoje, por todo o Brasil "se acredita que a miscigenação e o racismo são contraditórios" (GOLDSTEIN, 2003, p.127). De todas as formas, os efeitos difusos do racismo, a nível seja pessoal, seja institucional, são bem documentados (e.g. GOLDSTEIN, 2003).

Assim, quando aterrissei no Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães, em outubro de 2008, senti que estava bastante preparado para o que vi: Salvador, a capital africana do Brasil, um lugar com uma cultura distintamente baiana. Uma cidade, segundo Risério, "onde realmente há um razoável circuito interracial." Mas, contraditoriamente, onde também "não há dúvida de que, ao mesmo tempo, existe a compartimentação" (RISÉRIO, 1981, p.47). Passaram-se semanas, talvez até um mês ou dois, até eu identificar uma coisa que estava me incomodando, subconscientemente, desde que saí do avião. Um pensamento me atingiu: se todo o mundo desaparecesse de repente da cidade, obrigando-nos a entender Salvador em termos de paisagem representacional, como a veríamos? Se avaliássemos sua geografia humana nos baseando nas imagens das propagandas vistas pela cidade toda, como mudaria nossa perspectiva sobre ela? Com poucas exceções, a



Salvador retratada através das propagandas é branca. Isso acontece em todos os lugares, desde os shoppings elegantes aos mercados dos bairros populares, desde o bairro histórico – e historicamente marginalizado – do Pelourinho aos prédios de elite do Corredor da Vitória, com nomes como “Edifício Yatch Privilege.” Na seqüência deste trabalho, vou desconstruir a paisagem capitalista de Salvador para expor as múltiplas forças que lutam pelo controle representacional no sopé das superfícies verticais da cidade.

PAISAGEM, REPRESENTAÇÃO, RAÇA

Qualquer discussão sobre paisagem deve iniciar-se pela afirmação, hoje bem citada e articulada aqui por Iain Robertson e Penny Richards (2003, p.1), que “a noção de paisagem está intrinsecamente ligada às noções de poder e status.” Ou, nas palavras de Don Mitchell (2000, p.100), a paisagem “... é uma forma de ideologia. É uma maneira de selecionar cuidadosamente e representar o mundo de modo a dar-lhe um significado particular.” Todavia, mais do que simplesmente controlar os significados e canalizá-los em direções particulares, as representações da paisagem “servem exatamente para criar (ou tentar criar) um ambiente total e naturalizado” (MITCHELL 2000, p.140; ver também DUNCAN; DUNCAN, 1988). Por meio das superfícies aparentemente inocentes e cotidianas do ambiente urbano, a paisagem oculta os múltiplos processos sociais que lhe dão origem (cf. Robertson e Richards 2003, 4). Importante, Stuart Hall também nos mostrou a centralidade da representação na vida social, declarando que “a representação através da linguagem [e, por extensão, da mídia] é ... central para o processo pelo qual o significado é produzido” (Hall 1997a, 1). Em Salvador, raça e representação na mídia colidem nos espaços verticais da paisagem urbana, para produzir o contraditório retrato de uma formação discursiva de preconceito racial dominante e das lutas que tentam derrubá-lo.

Especialista em questões raciais, a norte-americana bell hooks escreve muito sobre raça e representação nos Estados Unidos. Ela começa assim o seu livro *Black Looks: Race and Representation*:

Se compararmos o progresso relativo que os afro-americanos lograram em termos de educação e emprego com o esforço para o controle de como somos representados, particularmente na mídia popular, veremos que houve pouca mudança no campo da representação. Abrindo uma revista ou livro, ligando a televisão ou observando fotos em espaços públicos, o que vemos são quase sempre imagens de negros que reforçam e perpetuam a supremacia branca (HOOKS, 1992, p.1).

Num contexto brasileiro, o reforço e perpetuação da supremacia branca têm mostrado, no geral, a tendência a apagar as representações da negritude da mídia popular. Num ensaio chamado “Onde Estão Os Negros?”, o político e ator carioca Antonio Pitanga observa:

O observador estrangeiro [no Rio de Janeiro]... mesmo com a menor preocupação de compreender as relações raciais no País, perguntaria imediatamente: onde estão os negros? A partir do avião, este observador provavelmente não estaria cercado por negros brasileiros... Ao chegar ao aeroporto do Rio de Janeiro, é improvável que o hipotético observador seria esperado por um atendente negro, exceto o carregador de bagagens ou talvez o taxista... Pegando uma revista para ler em seu quarto, o observador procuraria alguma fotografia de uma modelo negra, mas não vai encontrar nenhuma. O observador obstinado folhearia mais e mais revistas, mas só vai encontrar uma fotografia de uma pessoa negra se houver uma matéria sobre crimes.

Pitanga prossegue, assim, alegando que o observador imaginário só começaria a se dar conta do Brasil negro na rua, longe das áreas de elite da cidade. Ainda assim, se o observador parar em uma banca de jornais, “as fotografias que ele vê são quase todas de homens e mulheres européias” (PITANGA, 1999, p.32).

A ausência de representações da negritude não diz respeito apenas aos jornais. No final de 2008, dos 150 personagens das 3 telenovelas mais populares, somente 10 eram de descendência africana. Num País em que apenas 51% da população é branco, que 93% dos rostos no âmbito cultural mais poderoso do Brasil seja branco é algo bem significativo.



FIGURA 1 – O elenco (pouco) surpreendentemente branco da telenovela de 2008 *A favorita*¹

Em Salvador, a desconexão racial é ainda mais aguda. Representações da negritude nas propagandas são raras e, quando ela aparece, na maioria das vezes são apenas representações simbólicas. Indubitavelmente, qualquer peça de propaganda, tomada singularmente, pode estar refletindo apenas o preconceito da pessoa responsável por ela. Coletivamente, no entanto, o uso quase exclusivo da branca para denotar beleza e sedução, para atrair os olhos do povo, para vender produtos, projeta, literalmente, uma “formação discursiva” de preconceito racial nos espaços verticais da cidade (FOUCAULT 1973; 1982; HALL, 1997b), e uma preferência racial para a branca é assim naturalizada na paisagem urbana (cf. DUNCAN; DUNCAN, 1988; ROBERTSON; RICHARDS, 2003).

¹ FONTE - <<http://www.oglobo.com.br>>



FIGURA 2 – Numa propaganda de revestimentos de couro, o subtítulo diz: “Estilo e elegância interior”²

Novamente a especialista Bell Hooks, ao falar dos Estados Unidos:

Desde a escravidão até agora, os brancos supremacistas sempre tiveram claro que o controle da imagem é central para manter qualquer sistema de dominação racial... Que o campo da representação continue sendo um lugar de embate fica particularmente evidente quando analisamos criticamente as representações contemporâneas da negritude e dos negros (p.2-3).

A ausência conspícua, dos espaços comerciais verticais cidade afora, de qualquer representação da negritude, pede para ser examinada criticamente. Tendo isto como objetivo, na próxima secção deixarei que as imagens falem por si, antes de focar o caso das propagandas imobiliárias, talvez a representações raciais mais chocantes e contraditórias nesse contexto urbano afro-brasileiro.

² Todas as fotos que aparecem nas figuras deste trabalho são de John Finn, exceto Figura 1.

ENSAIO FOTOGRÁFICO



FIGURAS 3a e 3b – Divas comerciais olham de cima para baixo através da paisagem urbana

ETD

10 anos Educação Temática Digital



FIGURAS 4a, 4b e 4c – Propagandas de óculos

ETD

10 anos Educação Temática Digital



FIGURAS 5a e 5b – Propagandas de lojas infantis

ETD

10 anos Educação Temática Digital



FIGURAS 6a e 6b – Os manequins não somente tendem a ter a pele clara, mas também o cabelo liso e, às vezes, até olhos azuis



ETD

10 anos Educação Temática Digital



FIGURAS 7a, 7b e 7c – Propaganda de vestidos de noiva em bairros de elite e populares

ETD

10 anos Educação Temática Digital



FIGURAS 8a e 8b – Propaganda de perfume (8a) e loja de tecidos (8b), duas imagens que, talvez, seriam beneficiadas também por uma crítica feminista.

SETOR IMOBILIÁRIO

As propagandas de imóveis – sejam apartamentos, condomínios, hotéis ou casas de praia – talvez dêem o exemplo mais chocante da força que têm as representações brancas numa cidade negra (veja Figuras 9a e 9b). As imagens da brancura associadas à venda de imóveis são tão fortes que, quando vemos uma propaganda onde não há ninguém representado, a linha entre branco e negro acaba já estando discursivamente fixada no “regime de verdade” Foucaultiano e gravada em nosso subconsciente coletivo (FOUCAULT, 1980).



FIGURAS 9a e 9b – Propaganda de imóveis

A paisagem representacional não é apenas o produto, aparentemente naturalizado, das múltiplas forças subjacentes; ela desempenha um trabalho (MITCHELL, 2000), pois estas propagandas se convertem em agentes ativos da segregação física na cidade, ao demarcar as linhas entre bairros brancos e negros. Sabemos muito bem que os novos moradores deste prédio não vão ser os favelados que estão perdendo sua vista para o mar por causa da construção do mesmo edifício.



FIGURA 10 – Propaganda de um condomínio novo

No contexto da exclusão quase completa da maioria afro-baiana das representações públicas, uma recente campanha anti-racista na mídia, utilizando o meio mais comum de representação pública, o outdoor, resulta particularmente irônico (veja figura 12).



FIGURA 12 – “Racismo, aqui não! 14 anos trabalhando pela nossa cultura e combatendo toda forma de preconceito”

CONCLUSÃO: CONTESTANDO A BRANCURA EM UMA CIDADE NEGRA

Em Salvador, a maioria dos grafiteiros atuais se considera artista, vendo o grafite como veículo para mensagens sociais. Sentado num banco na Escola de Belas Artes, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), Marcos, um grafiteiro baiano, me disse:

“Meu grafite tem uma influência muito grande da arte Africana. Eu pesquiso muito máscaras africanas, no sentido de fazer arte para o povo. O grafite, ele tem um valor muito grande que ele vai até o povo e não o povo vai até ele... Ele não está na galeria onde as pessoas vão lá assistir. Mas ele encontra as pessoas no meio do caminho... E eu trago esses aprendizados da minha família, do terreiro, dos lugares onde eu morei, e levo para a rua tudo isso. Então eu grafito mensagens para os trabalhadores, eu grafito para os estudantes, mensagens assim: “respeito por onde andas”, criticando a sociedade e afirmando, quando a gente tem alguma coisa... Tenho um grafite que foi muito comentado, que fica perto da

rodoviária... um menino, sem camisa, aproximando-se de um adulto, o adulto olha para ele, ele fala “tio, me dá um respeito”. Ele não está pedindo dinheiro, está pedindo respeito... Eu acho que quando existe desigualdade, o grafite tem que estar denunciando. E quando existe exploração, o grafite tem que estar denunciando... Eu acho que mesmo um grafite bonito visualmente, ele tem que ter um mensagem social, que faça um mensagem para as pessoas sair daquele muro... Para que aquela pessoa possa dialogar com aquele grafite, não apenas contemplá-lo com os olhos, mas ler aquelas mensagens que tem ali, gritando para você alguma coisa.”

Neste contexto de branquidade dominante em quase todas as representações de raça na propaganda, o grafite predominante na cidade toda é uma forma visual em que as representações da raça na paisagem urbana, na selva de concreto, são reapropriadas, em que as representações dominantes da branquidade em uma cidade negra são contestadas. Novamente, nas palavras de Don Mitchell (2000, p.100), enquanto “uma das funções fundamentais da paisagem é justamente a de *controlar* o significado e empurrá-lo em direções específicas... também é certamente o caso que o significado da paisagem seja contestado a cada passo do caminho.” Criticando os estudos da paisagem de um ponto de vista pós-estrutural, Mitch Rose (2003, p.459) concorda: “Os sujeitos sociais não são os beneficiários passivos da representação nem dos seus poderes de inscrição... a paisagem é um terreno de luta onde vários agentes estão sempre tentando impor e/ou resistir a múltiplas construtos representacionais.” Em Salvador, o grafite torna-se uma ferramenta dos que estão marginalizados da perspectiva dominante, para poder-se reapropriar dos espaços verticais na cidade. O grafite, assim, é um mecanismo para democratizar as mensagens visuais e reafirmar o controle das representações da raça negra na capital baiana.



FIGURA 13 – Grafite quadrado



FIGURA 14 – Afro-grafite



FIGURA 15 - Afro-grafite



FIGURA 16 - “Tio, me dá um respeito”



FIGURA 17 – “Todos os dias são dias de consciência NEGRA!”



FIGURA 18 – Afro-grafite



FIGURA 19 – Afro-grafite



FIGURA 20 – “Arte de resistência”



FIGURA 20 – “Acima de tudo o respeito, não queremos esmolas, queremos educação e justiça! Reparações já!”

REFERÊNCIAS

DUNCAN, J.; DUNCAN, N. (Re)reading the landscape. **Environment and Planning D: Society and Space**, v.6, p.117-126, 1998.

FOUCAULT, M. **Power/knowledge: Selected Interviews and Other Writings, 1972-1977**. New York: Pantheon Books, 1980.

_____. **The archeology of knowledge**. New York: Pantheon Books, 1982.

_____. **The order of things: an archeology of the human sciences**. New York: Vintage Books, 1973.

FREYE, G. **The masters and the slaves**. Abridged. 2. ed. Translated by S. Putman. New York: Alfred A. Knopf, 1966 [1933].

GOLDSTEIN, D. M. **Laughter out of place: race, class, violence, and sexuality in a Rio Shantytown**. Berkeley: University of California Press, 2003.



HALL, S. Introduction. In: _____. (Ed.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997a. p.1-11.

_____. The work of representation. In: _____. (Ed.). **Representation**: cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997b. p.12-74.

HOOKS, B. **Black looks**: race and representation. Boston: South End Press, 1992.

MITCHELL, D. **Cultural geography**: a critical introduction. Malden: Blackwell, 2000.

MOURA, M. A. World of fantasy, fantasy of the world: geographic space and representation of identity in the carnival of Salvador, Bahia. In: PERRONE, C.; DUNN, C. (Ed.). **Brazilian popular music and globalization**. New York: Routledge, 2002. p.161-176.

NEEDELL, J. D. Rio de Janeiro and Buenos Aires: public space and public consciousness in *Fin-De-Siècle* Latin America. **Comparative Studies in Society and History**, v.37, n.3, p.519-540, 1995.

PAGE, J. **The Brazilians**. Reading: Addison-Wesley Publishing Co, 1995.

PITANGA, A. Introduction: Brazilian musics, brazilian identities. **British Journal of Ethnomusicology**, v. 9, n.1, p.1-10, 2000.

_____. Where are the blacks? In: CROOK, L.; JOHNSON, R. (Ed.). **Black Brazil**: culture, identity, and social mobilization. Los Angeles: UCLA Latin America Center Publications, 1999. p.31-42

REILY, S. A. Macunaíma's music: National Identity and Ethnomusicological Research in Brazil. In: STOKES, M. (Ed.). **Ethnicity, identity, and music**. Oxford; New York: Berg, 1997. p.71-96.

_____. Introduction: Brazilian musics, Brazilian identities. **British Journal of Ethnomusicology**, v.9, n.1, p.1-10, 2000.

RISÉRIO, A. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.

ROBERTSON, I.; RICHARDS, P. (Ed.). **Studying cultural landscapes**. London: Arnold, 2003.

ROSE, M. Landscape and labyrinths. **Geoforum**, v.33, p.455-467, 2002.



SKIDMORE, T. E. Racial Ideas and Social Policy in Brazil, 1870-1940. In: GRAHAM, R. **The idea of race in Latin America, 1870-1949**. Austin: University of Texas Press, 1990. p.7-36.

VELOSO, C. Carmen Miranda dada. In: VELOSO, C. ; FERRAZ, E. (Org.). **O mundo não é chato**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005. p.74-81.

VENTURA, R. **Estilo tropical**: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1991.

VIANNA, H. **The mystery of samba**: popular music and national identity in Brazil. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1999.

Agradecimentos

Há muitas pessoas que me ajudaram a tornar este projeto possível. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer Milton Moura, Tiago Sampaio e Jorge Ubiratan, da Universidade Federal da Bahia, bem como o Grupo de Pesquisa “O Som do Lugar e O Mundo”, cujo Seminário de Pesquisa “Representações da Sociedade Baiana” me proporcionou uma plataforma para apresentar e refinar minhas idéias sobre este projeto. Também tudo isto não teria sido possível sem o discernimento vital do grafiteiro Marcos da Costa, que me levou por toda Salvador, apresentando-me o mundo do grafite e me mostrando sua arte. Por último, a Jussara Fonseca, responsável pela revisão cuidadosa das duas versões deste manuscrito.

John Finn

Candidato de doutorado em geografia na Arizona State University, nos Estados Unidos, com especialização em geografia cultural e geografia urbana;

Pesquisa e escreve sobre o papel da música na sociedade e tem realizado pesquisas em Cuba, México e no Brasil. Atualmente está escrevendo sua tese de doutorado, sobre a música na sociedade baiana do século XX e XXI, na sua casa no Arizona

Recebido e revisado pelo organizador em: 11/05/10
Publicado em: 17/06/10